



P O L D R A
PUBLIC SCULPTURE PROJECT VISEU

Kit de Visita

Circuito Alargado

WWW.POLDRA.COM

Apresentação do projeto

O POLDRA – Public Sculpture Project Viseu – é uma iniciativa nascida no ano de 2018, ao abrigo do programa municipal “Viseu Cultura”.

A sua ambição consiste no desenvolvimento de propostas contemporâneas de arte pública (ou arte em espaço público), com particular enfoque para a vertente escultórica, partindo-se sempre do pressuposto que as obras finais sejam criadas ou adaptadas para espaços selecionados da cidade de Viseu.

Contando com a colaboração de artistas, nacionais e estrangeiros, este projeto procura captar o interesse de um público vasto e heterogéneo, enquanto transforma o espaço urbano numa verdadeira galeria de arte construída a céu aberto!

Para além de incentivar a criação artística, o POLDRA está igualmente empenhado em promover momentos de diálogo e reflexão, em torno da temática base e do próprio projeto e seus resultados. Ao mesmo tempo, assumiu o compromisso de elaborar e disponibilizar online um conjunto de kits de visita, isto é, pequenos guias informativos que todos podem utilizar (independentemente do seu nível de conhecimento ou faixa etária) no momento em que decidirem visitar este percurso de escultura pública.



Curiosidade...

O nome POLDRA remete-nos para as pedras que antigamente se colocavam no leito de pequenos rios para servirem de passagem às populações, formando uma espécie de ponte. De forma aberta e assumida, este projeto pretende ser isso mesmo: uma ponte! Uma ponte entre geografias distintas (Viseu e o Mundo), entre artistas e a população, entre a herança histórica e a nova linguagem artística contemporânea. Uma ponte que todos estão convidados a percorrer!

Planeamento da visita

A primeira edição do POLDRA conta com três intervenções artísticas, inseridas - e inspiradas - num dos espaços mais emblemáticos da cidade de Viseu: a Mata do Fontelo.

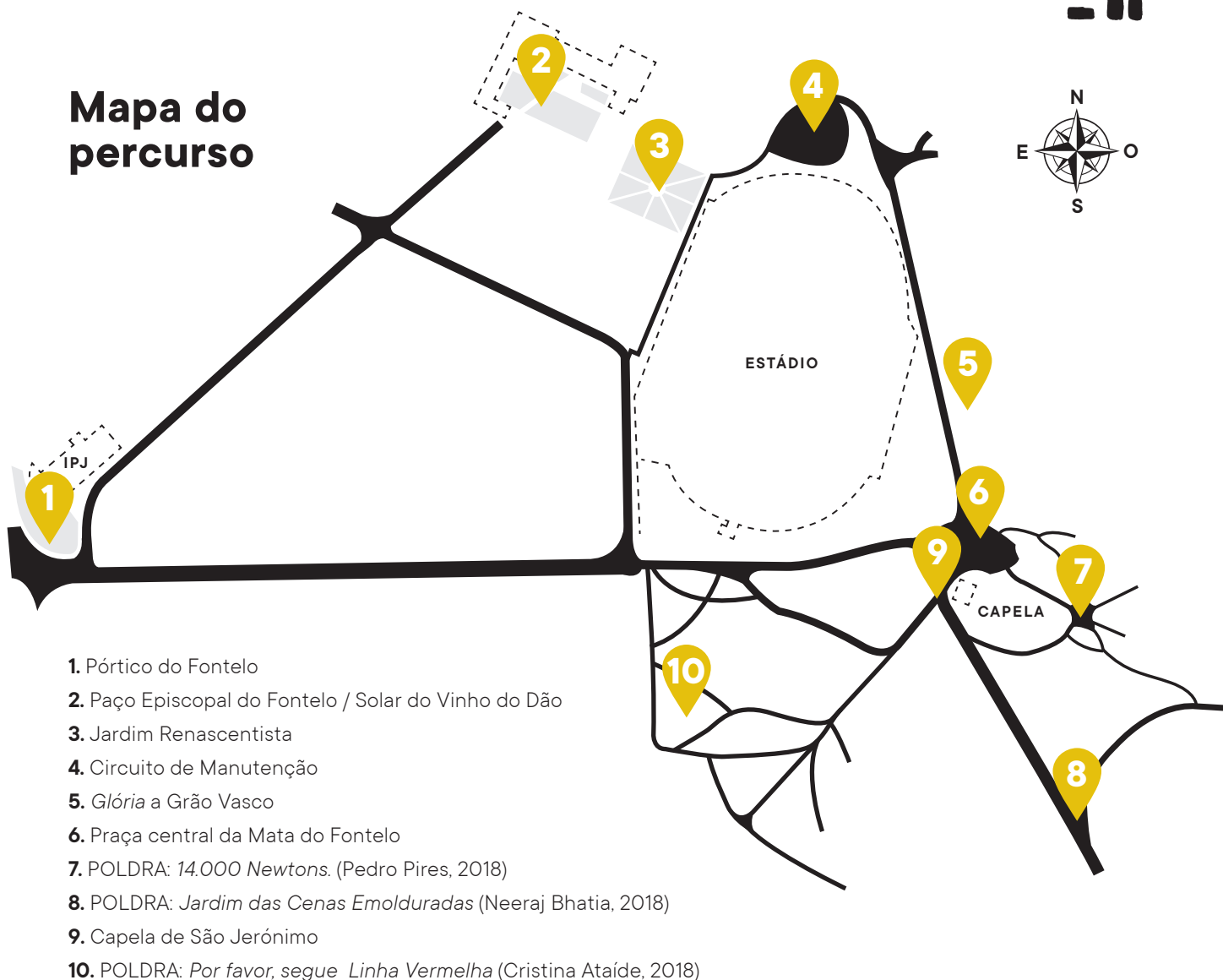
A escolha do Fontelo não resultou de um processo aleatório. Dotado de um passado histórico riquíssimo (do qual subsistem ainda inúmeros vestígios patrimoniais) e enquadrado por um cenário natural de incomparável beleza (onde não faltam diversificadas espécies animais e vegetais), este parque municipal afigura-se como escolha óbvia para qualquer projeto de âmbito cultural e artístico.

Além disso, oferece condições muito favoráveis à realização de visitas de estudo e aulas ao ar livre, proporcionando assim aos alunos a hipótese de beneficiarem com uma experiência educativa, diferente e estimulante.

Embora a maioria dos viseenses esteja familiarizada com o parque do Fontelo, a verdade é que este espaço centenário guarda um conjunto de “segredos” que importa partilhar. O projeto POLDRA assume, desta forma, mais uma importante valência: utilizar a Arte como motivo e pretexto para que se (re)descubra a cidade de Viseu e a sua História.

O percurso que propomos neste kit foi construído a partir de dez pontos de interesse, devidamente assinalados no mapa da página seguinte. Os pontos aqui sugeridos permitirão aos visitantes, não apenas conhecer as obras artísticas do POLDRA mas, simultaneamente, descobrir a origem e a importância do parque do Fontelo.

Mapa do percurso



Características da visita

O percurso sugerido por este kit tem uma distância aproximada de 2 km. A sua realização a pé implica um nível de dificuldade baixo; contudo, é necessário considerar a existência de troços eventualmente problemáticos (por ex. escadarias) para pessoas com mobilidade reduzida.

Aconselha-se uma rota circular, cujo início e fim coincidam com o Pórtico do Fontelo. O tempo estimado para a visita é de 60 minutos.

Os pontos de interesse assinalados permitem uma abordagem multidisciplinar, principalmente assente na divulgação da história local, no desenvolvimento da consciência ambiental e no aperfeiçoamento da educação artística.

Algumas normas de conduta devem ser respeitadas, tais como: evitar ruídos e atitudes que perturbem o local; não colher amostras de plantas ou de rochas; observar a fauna à distância e sem a importunar; nunca fazer lume; não abandonar qualquer tipo de lixo.

Ponto 1. Pórtico do Fontelo

Se dúvidas existissem em relação à antiguidade do Fontelo, documentos medievais entretanto descobertos permitiram dissolvê-las de forma definitiva. Manuscritos do século XII ajudaram-nos a comprovar que, em tão recuada data, o bispo viseense D. Odório adquiriu, em nome da diocese, uma quinta de consideráveis dimensões conhecida pelo nome de “Fontanello”. Desde então, esta zona do arrabalde da cidade ficou na posse do clero e serviu de residência (ou, pelo menos, de local de repouso e recreio) a inúmeros prelados de Viseu.

O grandioso portal de pedra que ainda hoje antecede a avenida de acesso ao antigo Paço episcopal foi mandado construir alguns séculos depois (mais precisamente, no ano de 1565), ajudando a marcar os limites da propriedade, na altura devidamente circunscrita por um grande muro de cantaria.

Observando com atenção o registo superior da moldura do pórtico, constatamos a existência de uma inscrição em latim, repartida em três linhas horizontais:

HOS ADITUS, NOSTRAE SIGNO MONSTRANTE SALUTIS,
HOSPITIO ET GRATIIS INOPUMQUE EXTRUXIT IN USUS
GOTTSCALLUS, POPULI, ANTISTES PINARIUS, ANNO 1565

(tradução: estes pórticos, com o sinal demonstrativo da nossa salvação, mandou-os construir o bispo Gonçalo Pinheiro para hospício e benefício dos pobres e para uso do povo, no ano de 1565).

Curiosidade...

Em Agosto de 1876, o bispo D. António Alves Martins autorizou a Câmara Municipal a recuar este pórtico cerca de 9,5 metros, possibilitando assim o alargamento da rua que passava diante de si. Contudo, segundo nos diz Pinho Leal na sua obra Portugal Antigo e Moderno, nada sofreu o dito monumento porque a mudança «foi feita com todo o carinho».

Ponto 2. Paço Episcopal do Fontelo/ Solar do Vinho do Dão

Se dúvidas existissem em relação à antiguidade do Fontelo, documentos medievais entretanto descobertos permitiram dissolvê-las de forma definitiva. Manuscritos do século XII ajudaram-nos a comprovar que, em tão recuada data, o bispo viseense D. Odório adquiriu, em nome da diocese, uma quinta de consideráveis dimensões conhecida pelo nome de “Fontanello”. Desde então, esta zona do arrabalde da cidade ficou na posse do clero e serviu de residência (ou, pelo menos, de local de repouso e recreio) a inúmeros prelados de Viseu.

Quando hoje nos aproximamos do portão que dá acesso ao pátio interior do antigo Paço episcopal, vale a pena erguer o olhar sobre o arco em ogiva e procurar os dois brasões que ali se mantêm esculpidos na pedra. São as armas dos bispos D. Gonçalo Pinheiro (lado esquerdo) e D. Luís Coutinho (flanco direito), duas figuras de inegável relevo na longa história do Fontelo. A estes nomes, importaria juntar depois mais alguns, tais como os de D. João Homem (responsável pela reformulação e ampliação da quinta), D. Garcia de Menezes (fundador da capela de Santa Marta) ou D. Miguel da Silva (grande obreiro dos jardins renascentistas criados no Fontelo).

Importa compreender que o Paço Episcopal só deixou de pertencer à Igreja no início do século XX, no momento em que a República substituiu o antigo regime monárquico e foi promovida a nacionalização dos bens eclesiásticos (na sequência da Lei da Separação do Estado das Igrejas). Desde então, aqueles velhos edifícios foram utilizados como presídio (onde esteve encarcerado - e de onde fugiu - Aquilino Ribeiro em 1928) e, mais tarde, restaurados e reconvertidos no Solar do Vinho do Dão.

Curiosidade...

O comandante Machado dos Santos (responsável pela famosa *Revolta de Tomar*) e o escritor Aquilino Ribeiro (autor de romances como *Terras do Demo*, *Quando os Lobos Uivam* ou *Andam Faunos pelos Bosques*) estiveram ambos encarcerados no presídio do Fontelo.

Ponto 3. Jardim Renascentista

Um dos bispos mais notáveis a ocupar a cátedra da diocese de Viseu foi, sem dúvida alguma, D. Miguel da Silva [c. 1480 - 1556]. Homem culto e viajado, teve a oportunidade de viver e estudar em grandes cidades como Paris e Roma, o que lhe permitiu conhecer e interiorizar as inovações estéticas e culturais do Renascimento europeu.

Quando, após a sua nomeação para bispo, D. Miguel da Silva se mudou para a modesta urbe de Viseu, fez questão de se fazer acompanhar por um brilhante arquiteto italiano (de seu nome Francesco de Cremona), com quem, rapidamente, começou a planear ambiciosos projetos artístico-arquitetónicos. Para além de ter ordenado a construção do claustro da Sé, este prelado haveria de dedicar também muito do seu tempo e atenção ao engrandecimento do Paço do Fontelo. Aqui, a sua ação ficou sobretudo marcada pela conceção de exuberantes jardins, capazes de rivalizar com aqueles que decoravam os palácios italianos.

A conjugação de belos lagos e fontes, a presença de uma vegetação rica e exótica, e a construção de enormes gaiolas para abrigar as mais diversas espécies de aves... terão sido alguns dos trunfos utilizados para tornar estes jardins absolutamente inesquecíveis.

O espaço ajardinado que hoje se preserva junto aos courts de ténis é (apesar das adulterações inevitavelmente sofridas ao longo dos tempos) uma importante recordação do legado de D. Miguel da Silva. E, muito embora já não sobre quaisquer vestígios das gaiolas gigantes, não é por mero acaso que o Fontelo continua a ser o lar de uma considerável colónia de pavões.

Curiosidade...

Em meados de seiscentos, o cronista Baltazar Telles escreveu as seguintes palavras a propósito do Fontelo no tempo de D. Miguel da Silva: «...dentro da quinta se estendiam grãdes ruas de parreirae, bosques muy frescos, tanques muy fermosos, fontes de grãde artifício, e outras notáveis curiosidades; entre as quaes se viam gayolas de fio de arame, de tal altura, e capacidade, que dentro livremente voavam os pássaros...»

Ponto 4. Circuito de Manutenção

Já foi aqui mencionado que, no início do século XX, o Paço episcopal foi expropriado pelo Estado português e adaptado a novas funções. Nessa altura, ficou decidido que os jardins, o bosque e uma parte dos terrenos da quinta passariam a ser administrados pelo Município de Viseu, que desde logo assumiu a responsabilidade de converter esses espaços num parque privilegiado de lazer e convívio, ao dispor de todos os habitantes locais e turistas que dele quisessem usufruir.

Como forma de tornar o Fontelo mais acessível e atrativo, foi necessário promover a construção de algumas infraestruturas, tais como muros de suporte, casas de banho públicas, ou até uma rede de energia elétrica que possibilitasse a iluminação noturna.

As maiores obras entretanto ali desenvolvidas estiveram, no entanto, quase sempre relacionadas com a prática desportiva. O melhor exemplo disso mesmo não podia ser outro que não o estádio municipal, inaugurado no ano de 1928. Entretanto, em datas mais recentes, a Mata do Fontelo e as zonas envolventes receberam outros equipamentos desportivos de grande valor, nomeadamente o circuito de manutenção, o complexo de piscinas, o pavilhão gimnodesportivo, vários courts de ténis, um recinto de atividades radicais, e diversos campos de treino adaptados a muitas modalidades.

Sem surpresa, o Fontelo transformou-se na “casa” de vários clubes desportivos do concelho que, semanalmente, ali treinam e competem.

Curiosidade...

Nem todos os projetos idealizados para o Fontelo acabaram por se concretizar... Em 1925, começaram a circular notícias revelando o desejo da Câmara Municipal em converter aquele parque numa estância termal, através da canalização das águas de Alcafache. Os especialistas afirmaram que as propriedades medicinais da água não se alterariam com o transporte, e que o potencial turístico para a cidade era imenso. Ainda assim, o tão ambicioso projeto do balneário termal nunca saiu do papel.

Ponto 5. Glória a Grão Vasco

Já foi aqui mencionado que, no início do século XX, o Paço Episcopal foi expropriado pelo Estado português e adaptado a novas funções. Nessa altura, ficou decidido que os jardins, o bosque e uma parte dos terrenos da quinta passariam a ser administrados pelo Município de Viseu, que desde logo assumiu a responsabilidade de converter esses espaços num parque privilegiado de lazer e convívio, ao dispor de todos os habitantes locais e turistas que dele quisessem usufruir.

Como forma de tornar o Fontelo mais atrativo e frequentado, assistiu-se à construção de algumas infraestruturas importantes, nomeadamente relacionadas com a prática desportiva. O melhor exemplo não podia ser outro que não o estádio municipal, inaugurado em 1928, mas em anos mais recentes será possível acrescentar o circuito de manutenção, o complexo de piscinas, o pavilhão gimnodesportivo, vários courts de ténis, um recinto de atividades radicais, e diversos campos de treino adaptados a muitas modalidades.

Contudo, se o incentivo ao desporto sempre foi um objetivo assumido para o novo parque do Fontelo, a promoção da arte e da cultura também mereceu algumas oportunidades pontuais. Prova disso mesmo foi a instalação, numa das alamedas principais da Mata, de uma “Glorieta” dedicada a um dos maiores vultos da pintura nacional: Vasco Fernandes [c. 1475 - 1542], melhor conhecido entre nós pelo epíteto de Grão Vasco.

Uma Glorieta é um monumento evocativo, habitualmente construído em recantos de jardins e cuja característica mais singular passa pela presença de estantes (para arrumação de livros) e de banquinhos (onde os visitantes se podem sentar a ler e a descontraír). Neste caso em particular, as estantes e os bancos surgem a enquadrar um magnífico painel de azulejos com o retrato do apóstolo São Pedro, a que se atribuiu a designação de substituir por “Glória a Grão Vasco” [sempre com itálico em Glória] e que resulta do aproveitamento de um painel azulejar com que a Fábrica de Sacavém, em 1932, se fez representar na Feira de São Mateus - e que posteriormente foram reaproveitados para a actual função e configuração (inaugurada em 1933).

Curiosidade...

No centro da cidade de Viseu, em plena Praça da República, existe uma segunda Glorieta que vale a pena visitar. Foi dedicada ao ilustre escritor e político Tomás Ribeiro, e a sua inauguração no ano de 1931 coincidiu com a celebração do 1º centenário do seu nascimento.

Ponto 6. Praça central da Mata do Fontelo

A Mata do Fontelo é um lugar muito especial. Em virtude da sua extensão, da imensa biodiversidade que alberga e da própria localização no interior do perímetro urbano... podemos afirmar sem rodeios que se trata do maior pulmão verde da cidade de Viseu, em muito contribuindo para a qualidade de vida de todos os seus habitantes.

Perante os distúrbios ambientais que diariamente se sucedem e se agravam em todo o planeta (o envenenamento dos oceanos, a poluição atmosférica, a destruição sistemática dos ecossistemas), torna-se fundamental apelar à preservação de espaços como o Fontelo. Sem esse esforço ecológico, a sustentabilidade da Terra e a sobrevivência das gerações futuras enfrentam uma séria ameaça.

Enquanto se percorrem os trilhos deste parque, é fácil ficar deslumbrado com a grande quantidade de espécies animais e vegetais que habitam aquele ecossistema.

Relativamente à fauna, é possível salientar uma grande diversidade de aves, que ali procuram um lugar de refúgio, nidificação e alimentação. Mas não podemos esquecer também a presença de répteis, insetos e pequenos mamíferos, tais como morcegos e esquilos. No que toca à biodiversidade florística, o destaque recai de imediato sobre as majestosas árvores que se erguem por todo o lado. O castanheiro, o carvalho, o loureiro, o azevinho, o medronheiro e o pinheiro... são apenas algumas das espécies que compõem a riqueza botânica do Fontelo, sendo importante não esquecer também que uma parte considerável dessas árvores é autóctone e que, avaliando pelo seu porte, possui já uma idade secular.

Curiosidade...

No flanco direito desta praça, no topo de um maciço rochoso, ergue-se a imagem de um lobo esculpida em bronze. Será esta uma recordação dos tempos em que o temido predador habitou os montes e vales da Beira Alta? Não! Esta figura escultórica foi criada pelo artista espanhol Mariano Benlliure e fazia parte integrante da estátua de Viriato. Porém, a vontade do autor foi contrariada e o animal acabou por ser desviado para a Mata do Fontelo, onde ainda hoje permanece esquecido.

Ponto 7.
14.000
Newtons
(Pedro Pires,
2018)

A arte contemporânea não se esgota inteiramente nas preocupações de caráter estético. Muitas vezes, a essência de uma obra encerra questões de grande complexidade conceptual, alertando para a existência de distúrbios políticos, sociais, económicos e morais... e estimulando um indispensável debate em torno desses temas polémicos.

A criação escultórica do artista Pedro Pires, aqui presente com o título de 14.000 Newtons, enquadra-se perfeitamente na ideia atrás enunciada.

Constituída por 140 coletes salva-vidas, metodicamente aplicados sobre uma estrutura de metal, esta é uma daquelas obras que não passa despercebida. Por um lado, porque a sua cor laranja fluorescente cria um inevitável contraste com a vegetação verde envolvente; por outro, porque a sua configuração em forma de caveira (uma caveira com 2,5 metros de altura) prende a atenção do espectador e obriga-o a questionar sobre qual será a mensagem que ali estará subjacente.

Convém explicar que esta escultura se enquadra num projeto que o artista tem vindo a desenvolver desde 2016 sobre o tema das migrações. Depois de ter feito uma viagem à ilha de Lesbos (Grécia), onde trabalhou como voluntário numa organização não governamental de apoio às embarcações que chegavam com refugiados/migrantes, Pedro Pires quis criar em Viseu um espaço de discussão sobre este terrível flagelo que, perante a passividade de muitos, tem transformado o mar mediterrâneo num verdadeiro cemitério.

Para além do simbolismo evidente dos coletes salva-vidas, o autor fez questão de sublinhar que a peça conta ainda com alguns pedaços de borracha preta, aplicados nas cavidades oculares. Essa borracha havia sido recolhida na ilha de Lesbos e fazia parte de uma embarcação resgatada.

Curiosidade...

Diz-nos o artista que o nome 14.000 Newtons é uma referência à fluidez da peça, em virtude da utilização dos coletes salva-vidas.



Sobre a obra

Título

14.000 Newtons

Ano

2018

Materiais

Ferro
Coletes salva-vidas
Borracha

Dimensões

257 x 237 x 394 cm

Localização

Mata do Fontelo
(40.6578600, -7.8989970)

Sobre o artista

Nome

Pedro Pires

Resumo biográfico

- Nasceu em Luanda, no ano de 1978.

- Licenciou-se em Escultura no ano de 2005, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Durante esse percurso académico, foi-lhe atribuída uma bolsa ERASMUS para a Universidade de Atenas.

- Possui um mestrado em Artes Visuais, atribuído pelo Central Saint Martins College of Design (Londres).

- Ao longo da sua carreira, que se estende já por mais de dez anos, teve a oportunidade de expor os seus trabalhos em locais tão distintos como: Musée des Beaux-Arts (Montreal), Somerset House (Londres), Grand Palais - ArtParis Art Fair (Paris), Gallery Momo (Joanesburgo e Cidade do Cabo), Arsenale di Venezia (Veneza), ELA - Espaço Luanda Arte (Luanda), PS Art Space (Perth), Quinta da Cruz (Viseu), Galeria Arte Periférica (Lisboa), entre outros.

- Explorando técnicas distintas e recorrendo a materiais/objetos muitas vezes retirados do quotidiano, Pedro Pires faz questão de explorar no seu trabalho questões sobre a identidade, sobre a História, sobre a realidade político-social, e sobre outros assuntos pertinentes, que digam sobretudo respeito a Portugal e Angola, Europa e África.

Ponto 8.
Jardim
das Cenas
Emolduradas
 (Neeraj Bhatia,
 2018)

O *Jardim das Cenas Emolduradas* é uma obra de grandes dimensões, projetada pelo artista canadiano Neeraj Bhatia e pela equipa do atelier *The Open Workshop*. Encontra-se erguida numa encruzilhada da Mata do Fontelo, resultando tal localização de uma vontade previamente assumida pelos autores. Ao escolher uma encruzilhada na qual muitas pessoas costumassem circular, era-lhes possível lançar o desafio de transformar aquele espaço de trânsito num lugar diferente: um lugar de paragem, de encontro, de reunião e de contemplação.

Esta criação artística é constituída por três elementos autónomos que, conjugados entre si, desenham uma planta triangular (em tudo semelhante à planta do local onde a mesma se apresenta instalada) e formam uma praça central vazia. A geometria externa do triângulo remete para os trilhos do Fontelo, ao passo que a zona central interna apela à entrada dos visitantes e emoldura uma mise-en-scène de performance colaborativa.

As janelas rasgadas nos alçados da estrutura procuram alcançar dois objetivos em simultâneo. O primeiro: trazer a paisagem envolvente para dentro da própria peça, numa clara alusão às pinturas de Grão Vasco. De facto, o artista Neeraj Bhatia não escondeu a sua admiração pela técnica do velho mestre português, em particular pela sua capacidade de criar cenas complementares que, mesmo estando em planos secundários, pareciam integrar-se perfeitamente na composição principal. Quanto ao segundo objetivo, consistia em oferecer ao público a possibilidade de observar a natureza circundante sob novas perspetivas. No fundo, é o aproveitamento da Arte enquanto meio de redescobrir e de reinterpretar a realidade que nos rodeia, aperfeiçoando a nossa perceção sobre um lugar, um parque e uma cidade que pensávamos já conhecer bem.

Curiosidade...

Relembremos o retrato de *São Pedro*, presente no painel de azulejos que adorna a Glorieta do Fontelo. Ladeando a imagem principal (que é composta pela figura do apóstolo, sentado num imponente trono) existem duas janelas abertas, que nos permitem observar ao fundo duas cenas da vida de São Pedro: à esquerda, o *Chamamento do Pescador*; à direita, *Quo Vadis?*.



Sobre a obra

Título

Jardim das Cenas Emolduradas

Ano

2018

Autoria

The Open Workshop (cuja equipa é constituída por Neeraj Bhatia, Jared Clifton, Shawn Komlos, Hayfa Al-Gwaiz)

Materiais

Madeira

Aço

Acabamento de betão

Dimensões

13x10m

Localização

Mata do Fontelo

(40.6572150, -7.8995940)

Sobre o artista

Nome

Neeraj Bhatia

Resumo biográfico

- Natural de Toronto.

- Possui um mestrado em Arquitetura e Urbanismo (Massachusetts Institute of Technology), um bacharelato em Estudos Ambientais, e outro em Arquitetura (University of Waterloo).

- Fundou o *The Open Workshop* no ano de 2013, um atelier de urbanismo arquitetónico que se foca na relação entre forma e território. Em 2016, o *The Open Workshop* recebeu os prémios Architectural League Young Architects Prize, e Emerging Leaders Award (DesignIntelligence).

- É coeditor das publicações Bracket [Takes Action], The Petropolis of Tomorrow, Bracket [Goes Soft], Arium: Weather + Architecture... e coautor de Pamphlet Architecture 30: Coupling - Strategies for Infrastructural Opportunism.

- Atualmente é Professor Assistente no California College of the Arts, onde igualmente assume o cargo de codiretor do laboratório de investigação em urbanismo (The Urban Works Agency). Anteriormente lecionou nas Universidades de Cornell, Rice e Toronto.

Ponto 9. Capela de São Jerónimo

Para além da capela de Santa Marta, erguida junto ao Paço Episcopal, os bispos de Viseu empreenderam a construção de outros lugares de oração dispersos pela Mata do Fontelo.

Uma dessas ermidas foi fundada por D. Miguel da Silva e era consagrada ao Senhor Morto. Infelizmente, não chegou aos nossos dias, tendo sido entretanto destruída.

A outra, mandada erguer por D. Gonçalo Pinheiro no ano de 1563, teve melhor sorte e ainda se mantém de pé. O seu orago corresponde a São Jerónimo, o popular santo que tanto se notabilizou em virtude dos seus estudos e traduções das Sagradas Escrituras.

Com tamanho modesto e planta retangular (ainda que ligeiramente arredondada na parte posterior), a capela de São Jerónimo apresenta fachadas simples e mantém o trabalho de cantaria granítica exposto ao olhar do visitante. A sua acentuada austeridade só é atenuada no alçado principal, graças à presença de uma porta axial em arco abatido, em redor da qual se desenvolve uma moldura com inscrição em grego:

ΙΕΡΟΝΙΜΩ ΤΩ ΕΡΗΜΙΤΗ
ΚΑΘΙΕΡΩΣΕΝ ΗΝΑΡΙΟΣ Ο ΕΠΙΣΚΟΠΟΣ

(tradução: a Jerónimo eremita, consagrou o bispo Pinheiro)

Curiosidade...

Atrás da capela, uma pequena escadaria dá acesso à fonte de São Jerónimo. Não desprezemos esta relação simbólica entre a água e o cristianismo, mantida e reforçada ao longo de milénios. Da mesma forma que a água é indispensável à sobrevivência do Homem, dos animais e das plantas, também a Igreja sempre se procurou impor como fonte de vida e de salvação.

A loba que “coroa” o penedo nas traseiras da capela fazia, originalmente, parte do conjunto escultórico do “Monumento a Viriato”, ainda que se tenha optado por não a integrar no referido conjunto.

Ponto 10.
**Por favor,
segue a
Linha
Vermelha**
(Cristina
Ataíde,
2018)

Alguns trabalhos artísticos não se limitam a existir num determinado espaço físico: apresentam uma relação de tão grande cumplicidade com o meio envolvente que, por momentos, quase nos fazem acreditar que ali nasceram e cresceram de forma natural. Um exemplo paradigmático pode ser encontrado nesta instalação de Cristina Ataíde, batizada com o sugestivo nome de *Por favor, segue a Linha Vermelha*.

Habituada a trabalhar com o tema da Natureza, a autora portuguesa confidenciou que, assim que descobriu esta imponente formação rochosa no seio do parque do Fontelo, decidiu de imediato que haveria de trabalhar com/sobre ela. O passo seguinte foi envolvê-la totalmente com fitas de cor vermelha; fitas que parecem brotar do chão e abraçar com carinho a fraga majestosa.

Terminado o envolvimento da pedra, as fitas vermelhas estendem-se depois pelo espaço em redor, criando uma espécie de desenho tridimensional que os visitantes devem seguir e explorar.

Desta forma, para além de interagir com o meio natural circundante, esta obra procura ao mesmo tempo interagir com o público. As mensagens que se encontram gravadas ao longo da precinta - abraça uma árvore; procura a doninha; joga às escondidas; caminha descalço no parque; diz um poema; sobe a colina e vê a cidade - são convites que incentivam o espectador a descobrir aquele espaço do Fontelo e a experimentar novos comportamentos.

Curiosidade...

Não é a primeira vez que Cristina Ataíde utiliza faixas de cor vermelha com frases inscritas, como forma de comunicar com o público. Experiências semelhantes já se haviam materializado nas obras *Fio de Ariadne* (Sintra, 2010), *Red Breathing* (S. Vicente, 2010) e *Com o Vento* (Vila Nova de Gaia, 2007).



Sobre a obra

Título

Por favor, segue a
Linha Vermelha

Ano

2018

Materiais

Precinta
Tinta
Metal

Dimensões

1300 m (comprimento
total da precinta)

Localização

Mata do Fontelo
(40.6580970, -7.9015820)

Sobre a artista

Nome

Cristina Ataíde

Resumo biográfico

- Nasceu em Viseu, no ano de 1951.

- Licenciou-se em Escultura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

- Frequentou o curso de Design de Equipamento, na mesma instituição de ensino.

- Foi diretora de produção de Escultura e Design da *Made In*, Alenquer, entre os anos de 1987 e 1996.

Desempenhou o cargo de professora convidada na Universidade Lusófona, em Lisboa, de 1997 a 2012.

- Expondo com regularidade desde 1984, Cristina Ataíde é representada por diversas galerias, nomeadamente Belo-Galsterer (Lisboa), Magda Bellotti (Madrid), Andrea Rehder (São Paulo), Ybakatu (Curitiba) e The Shed Space (Nova Iorque).

- A sua produção artística transita entre a escultura, o desenho, a fotografia e o vídeo.



Sugestão de Bibliografia Inicial, para quem quiser saber mais

COUTO, Aires Pereira - O grande senhor do Fontelo do século XVI: D. Miguel da Silva. In *Beira Alta*, vol. XLIX, fasc. 3/4, 1990.

COUTO, Aires Pereira - *Fontelo: subsídios para a sua história*. Viseu, Câmara Municipal de Viseu, 1991.

FERNANDES, Luís da Silva - Almeida Moreira e o Parque do Fontelo. In *Diário de Viseu*, 27/3/2009.

GOMES, Paulino ; VEIGA, António - *Viseu: Um Futuro com Passado...* . Paços de Ferreira, Héstia Editores, s/d.

LEAL, Augusto Soares de Pinho - *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico...* Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, vol. XII, 1890.

MOREIRA, Francisco de Almeida - *Imagens de Viseu*. Porto, Tip. Porto Médico, 1937.

PEREIRA, Ruth; LOPES, Lísia; PINHO, Rosa - *Património histórico e botânico do Fontelo. Um contributo para actividades de educação ambiental em espaços urbanos*. Viseu, Câmara Municipal de Viseu, 2006.

www.poldra.com

www.pedropires.pt

www.theopenworkshop.ca

www.cristinaataide.com

Ficha técnica

Conceção

João Dias

Organização

Prominentchance

Produção & Gestão do Projeto

João Dias (Direção Artística e Coordenação Geral)

Rui Macário (Programação e Coordenação de Conteúdos)

Luís Belo (Comunicação e Design)

Equipa Técnica

Inês Ferreira (Assistência Técnica)

Rúben Marques (Conteúdos Históricos e Circuitos)

Comissão Consultiva

Cristina Ataíde

Emília Ferreira

Laura Castro

Stella Ioannou

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU

CULTURA

PARCEIROS



APOIO TÉCNICO

VISTRAÇO
ATELIER DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA